

A estrutura da posse de cativos nos momentos iniciais da cultura cafeeira no novo oeste paulista. Ribeirão Preto: 1849-1888.*

Luciana Suarez Lopes[♦]

Palavras-chave: escravidão; cafeicultura

Resumo

Neste artigo procuramos analisar a estrutura da posse de cativos em Ribeirão Preto no período de 1849-1888, época em que a escravidão caminhava para seus momentos finais e a cultura cafeeira despontava na localidade. Como fonte de dados foram utilizados inventários *post-mortem* de proprietários de cativos, localizados no Fórum de São Simão e no Arquivo do Fórum de Ribeirão Preto. O estudo concentra-se na análise das características dos proprietários de escravos, suas atividades econômicas, a estrutura da posse e, por fim, na caracterização da população cativa. Busca-se também verificar se realmente as atividades anteriores à cultura cafeeira limitavam-se à subsistência e qual o papel da mão-de-obra cativa início da cafeicultura no oeste novo paulista.

* Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

[♦] Doutoranda em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

A estrutura da posse de cativos nos momentos iniciais da cultura cafeeira no novo oeste paulista. Ribeirão Preto: 1849-1888.*

Luciana Suarez Lopes[♦]

Introdução

Estudamos neste artigo, os momentos iniciais do povoamento e da formação do atual município de Ribeirão Preto, antigo Arraial de São Sebastião do Ribeirão Preto. Apesar de ter sido oficialmente criada em 1871, da vila começa a se formar ainda na primeira metade do século XIX, com as tentativas de doação de terras ao patrimônio de São Sebastião. Nos anos 70 do século XIX a população não chegava a seis mil pessoas. Do conjunto dos inventários *post-mortem* do período 1849-1888 separamos todos os proprietários de escravos. Com base nas informações existentes nos documentos, foi possível caracterizar estes escravistas, a estrutura da posse e as atividades econômicas desenvolvidas. A caracterização da população cativa presente no corpus documental também foi um dos objetivos do presente estudo. Foram localizados 819 cativos, que foram analisados com as informações disponíveis nos próprios processos de inventários, em especial, com as cópias da matrícula de escravos que eram anexadas nos processos após 1872.

O início da povoação e características da população

O atual município de Ribeirão Preto está localizado em uma região de planalto, com altitudes variando de 500 a 700 m. A terra roxa, responsável por grande parte do bom desempenho da agricultura na região, foi formada por uma intensa atividade vulcânica que atingiu uma área estimada entre 800.000 e 1.000.000 km², compreendendo área considerável dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Desde a metade do século XVII a região já era conhecida e percorrida por sertanistas que se dirigiam ao interior brasileiro. A principal via de acesso era a o Caminho de Goiás e o processo de ocupação do então “sertão desconhecido” começou com a formação de pousos ao longo deste Caminho, pousos estes que serviam de apoio para os tropeiros e viajantes.

Na primeira metade do século XIX, a população da futura vila de Ribeirão Preto encontrava-se dispersa, nas regiões ao norte e noroeste da vila de São Simão, tendo como limites naturais os rios Pardo e Mogi Guaçu. O início do processo para formação do patrimônio de São Sebastião nos primeiros anos da década de 1840 sugere que nas proximidades da fazenda Barra do Retiro existia um núcleo populacional que desejava o reconhecimento da igreja. A lista de

* Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004.

[♦] Doutoranda em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

qualificação de votantes de São Simão confirma essa hipótese. No ano de 1850, os eleitores simonenses estavam divididos em dezessete quarteirões: Arraial, Tamanduá, Prata, Águas Claras, Cachoeirinha, Serra, Coqueiros, Serra Azul, Quatro Córregos, Pereiras, Prainha, Rio Claro, Figueira, Esgoto, Ribeirão Preto, Lageado e Sertãozinho. Somando os eleitores dos quarteirões correspondentes à futura vila de Ribeirão Preto vemos que existiam 56 votantes, sem contar os que estavam em quarteirões que foram divididos entre as duas localidades.

O processo de doação de terras para São Sebastião além de garantir a construção de uma capela também tinha o propósito de garantir a posse legítima das terras doadas. A aceitação da igreja e o registro dessa doação era uma das maneiras de legalizar ou facilitar o processo de legalização de terras após 1850, pois estas doações eram registradas em livros paroquiais e estes registros, com a lei de terras de 1850, passaram a ter valor legal como título de propriedade, já que garantiam a ocupação inicial da terra. (Dean, 1977, p. 52) O patrimônio de São Sebastião foi legalmente constituído em 1856, dando origem ao Arraial de São Sebastião do Ribeirão Preto, pertencente à freguesia de São Simão. Em 1870 o arraial foi elevado à categoria de freguesia e no ano seguinte foi desmembrado da vila de São Simão. A nova vila ficou com mais da metade do território simonense, o que originou uma série de disputas que se arrastaram pelas décadas de 1870 e 1880, mas as divisas não foram alteradas.

Tabela 1
Panorama geral da população de Ribeirão Preto, 1872

Critérios	Características	Livre			Escrava			Total da população
		H	M	H + M	H	M	H + M	
Raça	Branços	1.777	1.725	3.502	0	0	0	3.502
	Pardos	491	447	938	89	30	119	1.057
	Pretos	157	72	229	477	261	738	967
	Caboclos	15	11	26	0	0	0	26
	Total	2.440	2.255	4.695	566	291	857	5.552
Estado Civil	Solteiros	1.746	1.489	3.235	458	246	704	3.939
	Casados	665	656	1.321	81	38	119	1.440
	Viúvos	29	110	139	27	7	34	173
	Total	2.440	2.255	4.695	566	291	857	5.552
Instrução	Sabem ler/escrever	269	15	284	0	0	0	284
	Analfabetos	2.171	2.240	4.411	566	291	857	5.268
	Total	2.440	2.255	4.695	566	291	857	5.552
População de 6 a 15 anos	Freqüentam a escola	45	25	70	0	0	0	70
	Não freqüentam a escola	812	814	1.626	0	0	0	1.626
	Total	857	839	1.696	0	0	0	1.696

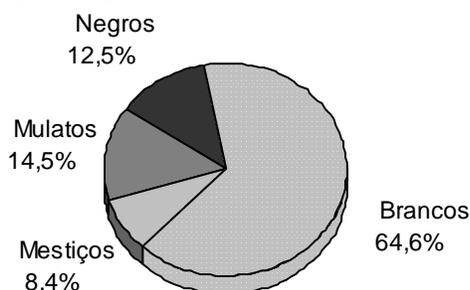
Fonte: Recenseamento Geral do Império, 1872.

O primeiro censo da localidade recém criada ocorreu em 1874 e existiam ali 4.695 livres e 857 cativos. O número de homens excedia ligeiramente o de mulheres e a razão de sexo era igual a 118. Conforme a Tabela 1, vemos que os brancos representavam 63,1% da população total, os pardos 19,0% e os negros 17,4%. A maior parte dessas pessoas era solteira, 70,9%. Os casados somavam 25,9 e os viúvos apenas 3,1%. O desequilíbrio entre os sexos era consideravelmente maior entre os escravos e o número de casados entre os livres era mais que o

dobro do existente entre os cativos. Considerando apenas as populações parda e negra, vemos que mais de quatro quintos da população parda era livre, enquanto pouco mais de um quinto da população negra possuía a mesma classificação.

Analisando a população livre vemos que havia um maior equilíbrio entre homens e mulheres, com razão de sexo igual a 108. Em linhas gerais, tratava-se de uma população jovem, 36,1% dos seus indivíduos estavam na faixa dos 6 aos 15 anos. Havia ligeira predominância masculina até a faixa dos cinquenta anos e depois, nas faixas etárias mais elevadas, a predominância era feminina. Com respeito à cor, os brancos representavam 74,6%, os pardos 20,0% e os negros apenas 4,9%. Os solteiros eram 68,9%, os casados 28,1% e os viúvos apenas 3,0%. Poucos sabiam ler ou escrever e apenas 4,1% das crianças freqüentavam a escola.

Gráfico 1
População segundo a cor. Ribeirão Preto, 1887.



Fonte: Fonte: Gifun, 1972, p. 98-99.

Na população cativa, o desequilíbrio entre os sexos era maior. Havia 566 homens para 291 mulheres, uma razão de sexo de 194. Tal como a população livre, a massa cativa era jovem e mais da metade de seus componentes tinha até quinze anos. Em idade produtiva, considerada como tal dos 15 aos 49 anos, estavam 38,2% dos escravos e acima dos cinquenta anos temos 5,8%. Os negros eram maioria e somavam 86,1% contra 13,9% de pardos. Os solteiros representavam 82,1%, os casados 13,9 e os viúvos 4,0%. Nenhum cativo sabia ler ou escrever e nenhuma criança freqüentava a escola.

Num primeiro momento, a porcentagem de cativos em Ribeirão Preto pode parecer pequena, em especial se considerarmos que na década de 1870 a cultura cafeeira chegava à localidade. Porém, dados do mesmo censo mostram que em outras regiões onde a cultura cafeeira já estava estabelecida a porcentagem de cativos na população total era semelhante. Por exemplo, nas localidades valeparaibananas de Lorena e Cruzeiro, 14,8% de seus habitantes eram cativos. Em Paraibuna e São José dos Campos as porcentagens eram, respectivamente 9,1% e 9,2% . Em Guaratinguetá, localidade que, “no decênio de 1870, caminhava vigorosamente para o auge de sua produção cafeeira” (Mota & Marcondes , 2000, p. 269), a porcentagem de cativos na população era de 20,1% e, em Silveiras, os cativos eram 17,5% do total de habitantes.

Em pouco mais de uma década, a população ribeirãopretana passou de 5.552 pessoas para 10.420. Dados de 1887 mostram que a população livre somava 9.041 e a escrava 1.379.

Observando o Gráfico 1, vemos que a maior parte dos habitantes era branca e a porcentagem de negros caiu em comparação com a de 1874. A análise das razões de sexo mostra que o número de homens e mulheres estava mais equilibrado. Em números absolutos, havia 5.208 homens e 5.212 mulheres. A razão de sexo que era de 118 em 1874 passa a ser de praticamente 100. Entre os livres, havia mais mulheres do que homens, numa razão de sexo igual a 96. Entre os cativos existiam 132 homens para cada grupo de 100 mulheres. A população estrangeira que em 1872 era formada de apenas três portugueses em 1874 passou a contar com 761 indivíduos. Como podemos observar na Tabela 2, estão presentes pessoas das mais variadas nacionalidades, tais como: austríacos, italianos, portugueses, alemães, espanhóis, franceses e ingleses.

Tabela 2
Nacionalidade da população. Ribeirão Preto, 1887.

Nacionalidades	Números absolutos	Porcentagens
Brasileiros	9.659	92,70
Italianos	158	1,52
Portugueses	140	1,34
Alemães	45	0,43
Austríacos	352	3,38
Espanhóis	8	0,08
Franceses	10	0,10
Ingleses	6	0,06
Africanos	34	0,33
Outras	8	0,08
Total	10.420	100,00

Fonte: Gifun, 1972, p. 98-99.

O crescimento dos cativos em Ribeirão Preto excedeu, em muitos pontos, o crescimento ocorrido na província de São Paulo. Com a cultura cafeeira despontando na localidade, o crescimento da massa cativa era algo esperado, assim como o aumento no número de imigrantes. Entre os anos de 1872 e 1886 a população escrava na província paulista cresceu 2,6% e na localidade estudada esse crescimento foi de 60,9%.² Apesar do crescimento ocorrido na província paulista, a tendência escravaria em outras províncias era diferente. Ao mesmo tempo em que cresceu, a população escrava de Ribeirão Preto também envelheceu. Em 1874, aproximadamente 73% dos cativos estavam abaixo da faixa dos trinta anos e em 1887 essa porcentagem é de apenas 43%. O aumento da escravaria em Ribeirão Preto reflete não só o aumento de plantéis já existentes na localidade, mas também a intensificação do comércio escravo e o movimento migratório de lavradores de outras regiões, que vinham trazendo suas famílias e seus cativos.

O incremento no fluxo de imigrantes antes da abolição da escravatura mostra que nas fazendas ribeirãopretanas a mão-de-obra cativa trabalhou lado a lado com os trabalhadores

² O recenseamento geral do Império, datado de 1872, foi realizado em São Paulo no ano de 1874. O recenseamento de 1886 foi realizado em Ribeirão Preto em 1887. Por isso há essa discrepância de datas. Quando fazemos referências a dados de outros autores respeitamos a datação adotada por eles, mas as informações ribeirãopretanas são sempre referentes aos anos de 1874 ou 1887.

assalariados. Em 1888, Francisco de Paula Lazaro Gonçalves visitou as fazendas da região a pedido da Associação Promotora de Imigração em Minas³. Ao passar pela fazenda de Henrique Dumont ele constatou que os cativos que ali viviam não haviam sido libertados e que além destes, trabalhavam na propriedade 164 famílias de trabalhadores livres, divididas em treze colônias. A maior parte dessas famílias era de origem italiana ou açoriana e apenas 36 eram de origem nacional. (Gonçalves, 1888, p. 65) José Murilo de Carvalho também aponta a coexistência dos dois tipos de trabalho nas fazendas do novo oeste paulista, nas quais “[...] os cafeicultores combinaram até o final o trabalhador escravo com o livre e as libertações eram feitas sobre o cálculo de que seria a melhor maneira de conservar o trabalho dos ex-escravos [...]” (Carvalho, 1996, p. 295)

A amostra de inventários utilizada como fonte de dados

Para o estudo e caracterização dos proprietários de cativos e dos escravos em Ribeirão Preto no período 1849-1888 foram utilizados alguns dos inventários *post-mortem* localizados no Arquivo do Fórum de Ribeirão Preto e no Fórum de São Simão. Como vimos anteriormente, nos primórdios de sua fundação a vila de Ribeirão Preto pertenceu à vila de São Simão. Por esse motivo, localizamos alguns inventários de moradores ribeirãopretanos arquivados em São Simão. O critério utilizado para identificar esses moradores dentre os habitantes simonenses foi a localização de seus bens imóveis.

A amostra dos inventários ribeirãopretanos foi separada do conjunto simonense com base em dois critérios. Em primeiro lugar, consideramos como inventários pertencentes à amostra, não importando seu lugar de arquivamento, os que correspondem à área geográfica ribeirãopretana, definida pela lei que instituiu o município em 1871 e que conservou os mesmos limites eclesiásticos estabelecidos ainda na década de 1860. Foram considerados também como ribeirãopretanos os inventários de indivíduos moradores em São Simão e que possuíam bens imóveis, na área ribeirãopretana⁴, desde que a soma desses bens imóveis representasse mais de 50,0% dos bens de raiz inventariados.

Para identificar de maneira mais precisa a localização das propriedades, utilizamos os mapas “Antigo Município de São Simão — Situação Geográfica no Século XIX” e “Antigo Município de São Simão — Bacia Hidrográfica”, ambos desenhados por Marcos José Bazan para a pesquisa de Roberto Vasconcellos Martins sobre as fazendas do antigo município de São Simão. (Martins, 1998) Com o texto da lei que instituiu a freguesia do Ribeirão Preto em 1870, redesenhamos no mapa hidrográfico a linha divisória entre a nova freguesia e a vila de São Simão. Sobrepondo os dois mapas, foi possível traçar no mapa da situação geográfica, que

³ Não fica claro para o leitor se o relato de Gonçalves data de antes ou depois da abolição, pois ele data apenas de 1888, não havendo a data. O fato é que se datar de antes, houve a coexistência na fazenda Dumont do trabalho livre nacional, imigrante a cativo. Se a experiência presenciada pelo mesmo Gonçalves ocorreu após a abolição é da mesma maneira relevante, pois mostra que mesmo após o traze de maio alguns cafeicultores não libertaram seus cativos e estes continuaram no antigo regime dividindo as tarefas da fazenda com os imigrantes que chegavam e com os trabalhadores livres que estavam sendo contratados.

⁴ E/ou área de fronteira, ou seja, áreas de fazendas que foram partidas ao meio pela linha divisória imaginária entre os dois municípios, Ribeirão Preto e São Simão.

continha as linhas divisórias das antigas fazendas da região, a divisa das duas localidades e a partir daí, conseguimos verificar a localização dos bens imóveis descritos nos inventários.

Foi encontrado no Arquivo do Fórum de Ribeirão Preto e no Fórum de São Simão um total de 378 inventários do período 1849-1888 considerados como pertencentes a nossa amostra segundo os critérios detalhados acima. Desses inventários, 26,5% eram de proprietários de cativos. A Tabela 3 nos mostra a quantidade de inventários de escravistas por década, em Ribeirão Preto e em São Simão.

Tabela 3
Inventários escravistas. Ribeirão Preto e São Simão, 1849-1888.

Anos / períodos	Ribeirão Preto	São Simão	Total
Ano de 1849	-	2	2
De 1850 até 1859	1	-	1
De 1860 até 1869	6	2	8
De 1870 até 1879	30	24	54
De 1880 até 1888	34	1	35
Total	71	29	100

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Offícios de Ribeirão Preto e São Simão.

A distribuição dos processos é muito irregular ao longo do período estudado. Por isso, alertamos o para o fato de existirem apenas dois processos na década de 1840, todos datando de 1849; um processo da década de 1850, datando de 1856; e oito processos da década de 1860. A maior parte dos processos, 89,0%, concentra-se nas duas décadas finais, 1870 e 1880.⁵ Conhecemos as limitações desse tipo de fonte, pois os inventários espelham apenas um momento da vida dos indivíduos considerados, o momento de sua morte. Além disso, a abertura de um inventário não era obrigatória, pois somente era feito inventário de pessoas que possuíam bens ou que deixavam herdeiros menores. Um outro aspecto que merece ser ressaltado é o de trabalhamos com uma fonte sob a qual não temos controle, ou seja, em um determinado ano ou década podem ter morrido mais criadores do que cafeicultores e em outro podem ter morrido mais pessoas pobres do que ricas.

Em linhas gerais, os inventários informam o nome do inventariado, nome do inventariante, grau de parentesco do inventariante, nomes e idades dos herdeiros e o grau de parentesco destes com o inventariado, descrição de bens móveis, animais, escravos, imóveis e informação sobre a existência ou não de dívidas ativas e passivas. A soma de todos esses valores, com exceção das dívidas passivas, gerava o *monte mor*, do qual eram subtraídas as dívidas passivas, gerando o *monte menor*. Do *monte menor* era subtraído o valor das custas e o resultado era o *monte partível*, que era dividido em duas partes quando o inventariado deixava algum cônjuge ou dividido entre o número de herdeiros existentes quando o falecido era viúvo(a) ou solteiro(a).

⁵ Sempre que nos referirmos a década de 1880 estaremos nos referindo ao período 1880-1888.

Os proprietários

Foi possível tabular informações sobre o sexo, estado conjugal e atividade dos inventariados. A idade e a naturalidade dos requeridos não estavam disponíveis nos inventários. Considerando todo o período estudado, notamos uma ligeira predominância de elementos do sexo masculino entre os nossos proprietários de cativos. Havia um total de 53 homens e 47 mulheres. Um total de 92,5% dos homens 80,9% das mulheres era casado. Havia onze processos em que o inventariado era viúvo, três homens e oito mulheres. Em apenas dois casos o requerido era solteiro, um homem e uma mulher.

A Tabela 4 mostra as atividades atribuídas a esses inventariados. As atribuições foram feitas levando-se em consideração qual tipo de bem que concentrava maior parte dos recursos do inventário. Por exemplo, se a maior parte do valor do monte mor estava alocado em animais, consideramos esse inventariado como criador. As limitações desse tipo de atribuição são grandes, mas diante das informações disponíveis nos processos esse procedimento nos pareceu o mais adequado.

Tabela 4
Distribuição de escravistas segundo a ocupação/atividade principal característica do inventário. Ribeirão Preto, décadas.

Ocupação/Atividade	1840	1850	1860	1870	1880	Total
Lavoura	-	-	-	-	4	4
Café	-	-	1	1	6	8
Capitalistas	-	-	-	5	-	5
Comércio	-	-	-	1	1	2
Criação	2	1	5	16	16	40
Profissionais liberais	-	-	-	1	1	2
Subsistência	-	-	-	29	3	32
Atividade não identificada	-	-	2	1	4	7
Totais	2	1	8	54	35	100

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Ofícios de Ribeirão Preto e São Simão.

Um grande número de inventários foi classificado como “criação”. A criação de gado bovino era a mais comum, presente em 25 dos 40 inventários considerados. Além de bovinos, eram criados também ovinos, eqüinos, suínos e muars. Um exemplo de criador que se dedicava à criação de vários tipos de animais era Francisco Maximiano de Souza Junqueira, falecido em 1870. Em seu inventário encontramos um rebanho composto por 39 mulas, 2 touros, 263 vacas, 189 novilhos e bezerros, 20 bois de carro, 62 carneiros, 8 cavalos, 28 éguas, 5 potros e 128 porcos.

A análise de muitos processos não permitiu que identificássemos a atividade à qual o inventariado se dedicava. Eram inventários como o de Antonio Pereira Barreto Pedroso Sobrinho, que faleceu em setembro de 1884. Seus bens eram uma harpa e cinco cativos. Não possuía terras, casas ou outro tipo de imóvel e nem animais. A atividade de Antonio não foi identificada. Outra situação comum foi a dos inventários com atividade de subsistência. Eram casos como o de Cyrino Alves Ferreira, que faleceu em Ribeirão Preto no ano de 1874, deixando viúva e quatro filhos. Possuía uma parte de terras com casa e benfeitorias na fazenda do

Lageado, uma pequena roça de milho, seis bois de carro e 24 porcos magros. Não há indicação de que exercia nenhuma outra atividade e não possuía estoque de gêneros alimentícios que pudessem ser comercializados.

A lavoura aparece como atividade principal de quatro inventariados, todos da década de 1880. O milho estava presente em três desses processos; a cana-de-açúcar em dois; o feijão, a mandioca e o arroz apareceram apenas uma vez. A atividade cafeeira foi destacada da agricultura pois consideramos relevante ao nosso estudo identificar as características específicas dos cafeicultores, dada a importância dessa atividade na localidade estudada e no período considerado. O café começa a aparecer nos processos a partir do final da década de 1860 como atividade secundária. A aparente ausência da cultura cafeeira nos inventários escravistas não significa que o café não estivesse presente na localidade, pois como foi ressaltado anteriormente, ao considerar os inventariados automaticamente estamos excluindo os indivíduos mais pobres. A amostra dos inventários escravistas, então, se mostra mais elitista ainda.

A historiografia mostra que em algumas localidades a cultura cafeeira foi introduzida por pequenos agricultores, escravistas ou não. Por exemplo, José Flávio Motta ao estudar a família escrava em Bananal, observou que após ser introduzido na localidade “[...] por uns poucos dentre os pequenos agricultores não-escravistas, o cultivo de café logo difundiu-se entre eles, bem como entre os proprietários de escravos, independentemente do tamanho dos plantéis.” (Motta, 1999, p. 373) Além disso, devemos considerar a hipótese de que alguns dos inventariados tenham cultivado café antes de morrer e que por algum motivo erradicaram suas plantações ou venderam as propriedades nas quais a rubiácea era cultivada.

Alguns indivíduos foram classificados como capitalistas pois emprestavam dinheiro a juros e alocavam nessa atividade a maior parte de seu patrimônio. Um exemplo é o inventário de Marianna Maria do Rosário, que faleceu em 1876. No processo estão arroladas 31 dívidas ativas, 25 delas eram créditos a juros que variavam de 1,0% a 1,5% ao mês. Alguns de seus devedores apareciam mais de uma vez, caso de Francisco Thereziano dos Reis, que devia quatro créditos com valores que iam 351\$400 até 2:453\$136 réis.

Foram encontrados dois comerciantes. Os inventários dos indivíduos classificados como comerciantes geralmente traziam uma relação extensa de bens móveis diversos, ou a indicação da avaliação do “estoque da firma”. O inventário de Antonia Maria de Nazareth é um desses casos. Falecida em 1872 foi inventariada em Ribeirão Preto a partir de janeiro de 1873. Ela deixou o viúvo, Manoel Soares de Castilho e cinco filhos frutos de dois casamentos. Entre seus bens móveis encontramos a avaliação do “estoque da sociedade de Manoel Soares de Castilho e seu filho, Antonio Sotério Soares de Castilho”, que era composto por tecidos, roupas feitas, armarinhos, calçados e utilidades domésticas. Tal como os capitalistas, os comerciantes possuíam extensas listas de devedores ativos, mas nesses casos as dívidas apareciam descritas como sendo “conta de livro” ou “conta de rol”.

Além dos comerciantes, encontramos também dois profissionais liberais, um na década de 1870 e outro na de 1880. Eram um carpinteiro e um advogado. O inventariado classificado como carpinteiro era Tristão Izaias Vieira, que faleceu no ano de 1874. Entre seus bens móveis foram encontradas várias ferramentas de carpinteiro e nenhuma indicação de que ele exercia outra atividade que não fosse essa. O advogado era Francisco Antonio Ferreira, cujo inventário iniciado em 1884 relacionava vários livros de direito, códigos e periódicos jurídicos. Seus

imóveis eram uma casa no Largo da Matriz em Ribeirão Preto e parte de uma casa em São Sebastião.

Os escravos

Na amostra composta pelos cem inventários escravistas localizamos um total de 819 cativos. As informações sobre essa população são relativamente mais abundantes do que as disponíveis para os proprietários, pois a partir de 1872 foram incluídas nos processos cópias da matrícula dos escravos arrolados nos inventários. Na matrícula havia informações sobre o nome, cor, idade, naturalidade, filiação, profissão e preço de cada cativo. Encontramos muitas omissões, pois a maior ou menor quantidade de informação das matrículas e dos inventários dependia muito do cuidado do escrivão e dos avaliadores designados para o processo. Foram localizados 12 cativos nos inventários da década de 1840; 63 nos processos da década de 1850; 104 nos anos sessenta; 357 na década de 1870 e 283 na década de 1880.

Observando os dados da Tabela 5 vemos que mais da metade desses indivíduos estava em idade produtiva, ou seja, tinha de 15 até 49 anos. As crianças, cativos que tinham até 14 anos, representavam 22,1% e os mais velhos, indivíduos com mais de 50 anos, totalizavam 10,7%. Não encontramos informações sobre a idade de 72 escravos, o que representa 8,8% da nossa amostra.

Tabela 5
Idade dos escravos inventariados consoante sexo. Ribeirão Preto, décadas.

Faixas etárias	Homens	Mulheres	Total
0-14	82	99	181
15-49	259	219	478
50 e +	56	32	88
Sem informação	45	27	72
Total	442	377	819

Fonte: inventários dos Primeiro e Segundo oícios de Ribeirão Preto e São Simão

As informações sobre a cor mostram que existiam cativos negros, pardos, crioulos, fulos e mulatos. A palavra “crioulo” costumava ser usada tanto para caracterizar a cor de um indivíduo quanto para indicar que um determinado cativo havia nascido no Brasil. Para elaboração da Tabela 6 consideramos apenas os casos em que a palavra era utilizada como uma cor. Os negros representavam 42,4% da nossa amostra. Os pardos aparecem em segundo lugar, respondendo por 15,8%. As porcentagens de mulatos, fulos e crioulos eram pequenas, respectivamente 0,4%, 2,2% e 4,8%. Esse perfil geral pode ser aplicado para cada uma das décadas analisadas, com exceção da década de 1860, quando os crioulos totalizaram 29,8% da amostra.

Para a análise do estado conjugal elaboramos a Tabela 7. Considerando todo o período estudado, encontramos 47,5% de cativos solteiros, 16,8% de casados e 2,2% de viúvos. Foram encontrados também dados sobre a filiação. Um cativo era considerado filho legítimo quando seus progenitores eram casados e natural quando filhos de mãe ou pai solteiros. Em 63,0% dos casos a legitimidade ou naturalidade do cativo não foi informada. Em 12,0% das ocorrências o

cativo era filho natural e em 9,0% era filho legítimo. Em 16,2% dos casos a filiação foi declarada desconhecida. Em todo o período estudado foram encontradas 26 mães solteiras e apenas um pai solteiro.

Conseguimos apurar também a existência de relações de parentesco dentro dos plantéis. Quando o cativo, ou cativa, era marido ou mulher de outro do mesmo plantel, o grau de parentesco atribuído foi o de “cônjuge”. A categoria “filho” englobou os cativos que possuíam pelo menos um dos pais no mesmo plantel; quando o cativo era “filho e irmão” ele possuía pelo menos um dos pais e um irmão no mesmo plantel; “mãe” e “pai” significavam que a cativa/cativo, era mãe/pai de algum outro cativo no mesmo plantel e assim sucessivamente. Em 285 casos o cativo possuía relações de parentesco com um ou mais elementos do mesmo plantel. Conforme os dados da Tabela 8, observamos que em 35,4% dos casos essa relação de parentesco era entre marido e mulher.

Tabela 6
Distribuição dos cativos segundo a cor. Ribeirão Preto, décadas.

Cor	1840	1850	1860	1870	1880	Total
Crioulo(a)	-	-	31	5	3	39
Fulo(a)	-	-	5	2	11	18
Mulato(a)	-	-	1	1	1	3
Pardo(a)	-	2	13	46	68	129
Preto(a)	4	-	19	148	176	347
Sem informação de cor	8	61	35	155	24	283
Total	12	63	104	357	283	819

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Ofícios de Ribeirão Preto e São Simão

Tabela 7
População escrava segundo estado conjugal. Ribeirão Preto, décadas.

Estado conjugal	1840	1850	1860	1870	1880	Total
Casados	4	14	20	58	42	138
Solteiros	-	8	39	162	180	389
Viúvos	-	-	4	10	4	18
Sem informação	8	41	41	127	57	274
Total	12	63	104	357	283	819

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Ofícios de Ribeirão Preto e São Simão

A origem de 12,1% desses cativos foi definida genericamente como sendo crioula, ou seja, escravos nascidos no Brasil. Foram localizados alguns africanos, que somados representam 7,2% da nossa amostra. Um total de 33,8% dos escravos havia nascido em diferentes províncias do país, tais como, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais. A transferência de cativos de outras regiões para as áreas cafeeiras acontecia com certa frequência. Segundo Emília Viotti da Costa, os comerciantes de negros percorriam o interior das províncias do norte e nordeste do Império oferecendo preços tão altos pelos cativos que o governo, na década de 1850, impôs uma taxa de 80\$000 para cada escravo que fosse exportado para fora da província baiana, o que não impediu que a transferência continuasse. (Costa, 1998, p. 177) Os dados ribeirãopretanos

mostram que nas décadas de 1870 e 1880 ainda há indícios da existência do tráfico interprovincial, em especial do deslocamento de cativos do nordeste para o sudeste. Observa-se também a vinda de cativos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Contudo, o número de cativos vindos da Bahia excede o número de escravos oriundos de Minas Gerais.

Tabela 8
População escrava segundo grau de parentesco no plantel. Ribeirão Preto, décadas.

Grau de parentesco	1840	1850	1860	1870	1880	Total
Cônjuge	3	14	12	45	27	101
Filho	-	-	3	24	12	39
Filho e irmão	-	-	4	30	13	47
Irmão	-	-	5	12	31	48
Mãe	-	-	3	21	10	34
Mãe e filha	-	-	-	-	1	1
Mãe e irmã	-	-	-	-	1	1
Mãe e mulher	-	-	1	4	3	8
Pai e marido	-	-	1	4	1	6
Nenhum parentesco informado	9	49	75	217	184	534
Total	12	63	104	357	283	819

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Ofícios de Ribeirão Preto e São Simão

Os cativos ribeirãopretanos ocupavam-se das mais variadas atividades. Encontramos carpinteiros, pedreiros, cozinheiras, pajens, fiandeiras, tecedeiras, tropeiros e lavradores, além de outras ocupações. Como foi visto anteriormente, a atividade mais comum dos inventariados da nossa amostra de escravistas era a criação e a lavoura. O mesmo ocorre com os cativos para os quais se sabe a ocupação. A Tabela 9 mostra todas as ocupações identificadas e o número de cativos empregados nelas.

Não sabemos a profissão de nenhum cativo encontrado na década de 1840, conhecemos a ocupação de apenas 7,9% dos escravos da década de 1850 e de 14,4% dos da década de 1860. A obrigatoriedade de se anexar os dados da matrícula de escravos nos inventários reduziram um pouco as omissões de informação nas décadas de 1870 e 1880. Assim, conhecemos as ocupações de 29,4% dos cativos inventariados na primeira década e 49,8% na segunda. Descontando as inúmeras omissões, conhecemos as ocupações de 266 indivíduos. Destes, 138 ou 51,9%, dedicavam-se à lavoura. As outras atividades mais comuns dos cativos ribeirãopretanos eram a de cozinheira, a de cavouqueiro⁶, a de serviçal doméstico e a de costureira. Foram localizadas também, oito fiandeiras, e três tecedeiras, geralmente em plantéis onde encontramos teares, rodas de fiar e ovelhas.

As atividades exercidas pelos inventariados às vezes condicionavam o sexo de seus cativos. Por exemplo, os inventariados dedicados à cultura cafeeira possuíam mais cativos do sexo masculino, assim como os dedicados à criação e a agricultura. Os inventários cuja atividade

⁶ Não conseguimos definir ainda o que seria a ocupação de “cavouqueiro”. A palavra cavouqueiro parece ter relação com o verbo cavoucar, então podemos supor que se tratava de alguma atividade ligada à plantação, à confecção de covas para receber sementes.

era apenas a subsistência possuíam mais cativos do sexo feminino. Analisando os plantéis da década de 1840 e 1850, todos dedicados á criação, vemos que a maior parte de seus cativos era do sexo masculino, com uma razão de sexo igual a 500 para o plantel de 1840 e 110 para o de 1850. Para analisar a composição dos plantéis das décadas de 1860, 1870 e 1880 elaboramos a Tabela 10. Nela observamos que na década de 1860 contamos com 99 cativos distribuídos em oito plantéis cujas atividades eram o café e a criação. Não foi possível identificar a atividade de dois proprietários que juntos possuíam cinco cativos. A razão de sexo dos cativos empregados na criação era de 110, menor do que o índice encontrado para os cativos cujo proprietário se dedicava à cultura cafeeira, que era de 133.

Tabela 9
Ocupação dos cativos. Ribeirão Preto, décadas.

Ocupação	1840	1850	1860	1870	1880	Total
Arreador	-	1	1	-	-	2
Carpinteiro	-	1	1	1	-	3
Carreiro	-	-	1	3	3	7
Cavouqueiro	-	-	-	12	7	19
Costureira	-	-	-	7	2	9
Cozinheira	-	-	2	21	15	38
Engomadeira	-	-	-	2	1	3
Ferreiro	-	-	1	-	-	1
Fiandeira	-	-	-	8	1	9
Lavadeira	-	-	-	3	-	3
Lavoura	-	-	4	34	100	138
Pajem	-	-	-	1	2	3
Pedreiro	-	3	2	1	1	7
Roticeira	-	-	-	2	-	2
Sapateiro	-	-	1	1	-	2
Serviços domésticos	-	-	1	6	8	15
Tecideira	-	-	-	2	1	3
Tropeiro	-	-	1	1	-	2
Sem informação	12	58	89	252	142	553
Total	12	63	104	357	283	819

Fonte: Inventários dos Primeiro de Segundo Ofícios de Ribeirão Preto.

A década de 1870 concentra um número maior de cativos. Existem 357 indivíduos distribuídos em 54 plantéis. As ocupações desses proprietários eram o café, o capitalismo, o comércio, a criação, as profissões liberais e a subsistência. Não foi possível determinar a atividade de um inventariado, que possuía sete elementos. A maior parte dos cativos, 62,7%, estava ocupada na criação e a subsistência ocupava 25,5%; os capitalistas ocupavam 5,0%; os cafeicultores 2,8%; o comércio e os profissionais liberais 2,0%. A razão de sexo mais elevada era a dos cativos empregados na cafeicultura, 233. O mesmo índice para os criadores foi de 124 e para a atividade de subsistência, 68.

Na última década do período temos um total de 283 cativos em 35 plantéis. As atividades desses proprietários eram o café, o comércio, a criação, as profissões liberais e a subsistência. Não foi possível definir a atividade de quatro inventariados que somados possuíam 25 cativos.

Ao contrário do que ocorreu na década anterior, a maioria dos escravos não estava empregada na criação e sim na cafeicultura. A razão de sexo nesse segmento continuava a ser uma das mais altas, 149, perdendo somente para a da agricultura, igual a 155. Nessa última atividade foram encontrados 51 cativos, ou 18,0% da nossa amostra. O número de indivíduos ocupados com a criação era de 69, com razão de sexo igual a 130. Tal como ocorreu na década anterior, os cativos empregados na atividade de subsistência eram em sua maioria mulheres com uma razão de sexo igual a 80.

Tabela 10
Distribuição dos escravos de acordo com o sexo e segundo a ocupação/atividade característica dos inventários. Ribeirão Preto, décadas.

Ocupação/Atividade	1860			1870			1880		
	H	M	H+M	H	M	H+M	H	M	H+M
Agricultura	-	-	-	-	-	-	31	20	51
Café	12	9	21	7	3	10	70	47	117
Capitalistas	-	-	-	9	9	18	-	-	-
Comércio	-	-	-	1	-	1	-	2	2
Criação	41	37	78	124	100	224	39	30	69
Profissionais liberais	-	-	-	3	3	6	-	1	1
Subsistência	-	-	-	37	54	91	8	10	18
Atividade não identificada	3	2	5	2	5	7	12	13	25
Totais	56	48	104	183	174	357	160	123	283

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Ofícios de Ribeirão Preto e São Simão

A estrutura da posse

Após analisar as características dos proprietários e dos cativos encontrados em nossa amostra, passaremos ao estudo da estrutura da posse. Temos apenas dois inventários da década de 1840, ambos do ano de 1849. São os processos de Bárbara Maria Cerqueira e João Manoel de Pontes. A principal ocupação de Bárbara era a criação de gado. Seu rebanho era constituído por bois de carro, vacas sem cria, vacas com cria, novilhos e garrotes. Seu plantel de cativos era constituído por quatro elementos, Ignácio, Bernardo, Joaquim e Thereza. Os dois últimos eram casados e tinham 32 e 30 anos respectivamente. Bernardo era uma criança de apenas três anos, provavelmente filho do casal. Não sabemos a idade de Ignácio.

O segundo plantel era de propriedade do casal João Manoel de Pontes e Anna Benedita de Oliveira, cuja atividade principal também era a criação. Seu rebanho era formado por eqüinos, bovinos, muares e suínos. Possuía oito cativos: o casal Joaquim e Catharina, ambos com 40 anos; os africanos Joaquim Congo e Theodoro Buanto, com 33 e 16 anos respectivamente; e os crioulos Francisco, 20 anos, Luis, 13 anos, Bento, 12 anos e Vicente Cabro, 8 anos de idade. Não sabemos se as crianças são filhas de Joaquim e Catharina.⁷

⁷ Nos casos em que se fazia um só inventário para o casal, consideramos o homem como sendo o inventariado.

Localizamos um único plantel na década de 1850. Seu proprietário era Luiz Antonio de Souza Junqueira, criador como os dois inventariados anteriores. O plantel de Junqueira era composto por 63 cativos, a metade deles em idade produtiva. O número elevado de cativos é justificado pelo tamanho do rebanho de Junqueira, formado por 1.539 cabeças de bovinos.

Para a facilitar a análise da estrutura da posse nas décadas de 1860, 1870 e 1880 foram elaboradas as Tabelas 11, 12 e 13. A Tabela 11 mostra a distribuição dos escravistas na década de 1860. Foram localizados oito plantéis e 104 cativos. Existia apenas um plantel unitário e os proprietários que possuíam entre dez e 29 elementos concentravam da metade dos cativos. O índice de Gini calculado para a década foi de 0,433.

O plantel unitário era de propriedade de Jeronymo Alves da Silva. Inventariado em Ribeirão Preto a partir de outubro de 1866, deixou viúva e dois filhos ainda crianças, Flausino e Maria. Possuía uns poucos bens móveis, um tear, um tacho de cobre, uma panela de ferro e uma chocolateira; uma parte de terras herdada de sua sogra e algumas benfeitorias. Suas dívidas passivas, no valor de Rs 259\$140, comprometiam quase a metade do montante avaliado, Rs 526\$000. Seu único cativo era José, negro de nação, com idade de sessenta anos e valor de Rs 250\$000.

Tabela 11
Estrutura da posse de cativos. Ribeirão Preto, década de 1860

Faixas de tamanho de plantéis	1860					
	Proprietários	%	% acumulada	Escravos	%	% acumulada
1	1	12,5	12,5	1	1,0	1,0
2-4	1	12,5	25,0	4	3,9	4,8
5-9	2	25,0	50,0	13	12,5	17,3
10-29	3	37,5	87,5	52	50,0	67,3
30-49	1	12,5	100,0	34	32,7	100,0
50 e +	-	-	100,0	-	-	100,0
Total	8	100,0	100,0	104	100,0	100,0

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Ofícios de Ribeirão Preto e São Simão

Um dos maiores plantéis da década era o de José Venâncio Martins. Seu inventário foi aberto em Ribeirão Preto em 1868 pela inventariante Maria Francisca do Nascimento. José havia sido casado duas vezes, a primeira com Anna Leopoldina de Almeida com quem teve sete filhos e a segunda, com a inventariante, com quem teve mais seis filhos. O inventariado possuía 28 cabeças de gado bovino, trinta porcos, seis eqüinos, um cafezal e uma roça de milho. Entre os bens móveis estavam relacionados sacos de sal, carros de milho e 50 alqueires de café com casca. Seu plantel de cativos era formado por 21 elementos, nove mulheres e doze homens, com idades variando entre quatro e cinquenta anos.

Na década de 1870 há um número maior de cativos e de escravistas. A propriedade escrava se mostrou mais difundida e os pequenos plantéis eram mais comuns. Conforme os dados da Tabela 12, vemos que 35 proprietários, 64,8% dos escravistas da década, possuíam plantéis de um a quatro elementos, respondendo por 16,8% dos cativos. Encontramos dezesseis plantéis de tamanho médio, de 5-29 cativos, que representam 29,7% dos proprietários e abrigam

41,8% dos escravos. Os três plantéis grandes, acima de trinta cativos, representam 5,6% do total de proprietários e concentram 37,9% dos cativos. Apesar de haver um número maior de plantéis pequenos, a concentração da posse aumentou em relação à década anterior, pois o índice de Gini foi de 0,606.

Tabela 12
Estrutura da posse de cativos. Ribeirão Preto, década de 1870

Faixas de tamanho de plantéis	1870					
	Proprietários	%	% acumulada	Escravos	%	% acumulada
1	13	24,1	24,1	13	3,6	3,6
2-4	22	40,7	64,8	60	16,8	20,5
5-9	11	20,4	85,2	73	20,5	40,9
10-29	5	9,3	94,4	76	21,3	62,2
30-49	2	3,7	98,2	68	19,1	81,2
50 e +	1	1,9	100,0	67	18,8	100,0
Total	54	100,0	100,0	357	100,0	100,0

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Offícios de Ribeirão Preto e São Simão

O maior plantel da década de 1870 era composto por 63 cativos. O proprietário era Gabriel de Souza Diniz Junqueira, filho de Luiz Antonio de Souza Junqueira, único inventariado da década de 1850. Tal como o pai, Gabriel dedicava-se à criação de gado e possuía um rebanho constituído por bovinos, eqüinos e muares. A razão de sexo desse plantel era igual a 110. Entre os adultos encontramos oito solteiros e 14 casados. Não há indicação do estado conjugal dos demais indivíduos acima dos 15 anos.

Tabela 13
Estrutura da posse de cativos. Ribeirão Preto, década de 1880

Faixas de tamanho de plantéis	1880					
	Proprietários	%	% acumulada	Escravos	%	% acumulada
1	9	25,7	25,7	9	3,2	3,2
2-4	9	25,7	51,4	27	9,5	12,7
5-9	9	25,7	77,1	55	19,4	32,2
10-29	5	14,3	91,4	85	30,0	62,2
30-49	3	8,6	100,0	107	37,8	100,0
50 e +	-	-	100,0	-	-	100,0
Total	35	100,0	100,0	283	100,0	100,0

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Offícios de Ribeirão Preto e São Simão

A Tabela 13 traz a estrutura da posse para a década de 1880. Observamos que a quantidade de plantéis unitários cresceu ligeiramente em comparação com a década anterior e mais da metade dos proprietários possui plantéis de um a quatro cativos. Esses pequenos senhores concentram 12,7% da escravaria. Os plantéis médios representam 40,0% e concentram

49,5% dos cativos. Foram encontrados apenas três grandes proprietários que possuíam 37,8% dos escravos. Dentre estes, há um plantel que concentra 15,0% dos cativos encontrados na década. O aumento no número de plantéis pequenos influenciou o índice de Gini, que foi calculado em 0,576.

A análise da distribuição dos plantéis segundo a atividade dos inventários mostra que os pequenos proprietários exerciam todas as atividades atribuídas aos inventariados, desde a atividade de subsistência até a de criação e cafeicultura. A Tabela 14 mostra que no período estudado, os plantéis mais numerosos eram os de dois a quatro cativos. As atividades mais comuns desses proprietários eram a subsistência e a criação. Porém, a atividade de subsistência não era exclusividade de pequenos proprietários. Alguns inventariados possuíam plantéis com um ou dois cativos em idade produtiva acompanhados de idosos e/ou crianças. O caso de Theodolina Francisca do Nascimento é um exemplo. Quando faleceu era casada e possuía quatro cativos, Eva, com 35 anos, acompanhada de seus três filhos, Veríssimo, Francisca e Maria, respectivamente com oito, onze e dez anos. Um outro exemplo é o inventário de Manoel Luiz Ferreira e sua mulher, Maria Cândida da Luz, falecidos em Ribeirão Preto em 1880. Possuíam um plantel com sete cativos: Jeronimo, 22 anos e Rozaria, 20 anos; Delfina, 50 anos, e as crianças Sebastião de dois anos, José de quatro anos, Adão de seis anos e Lázaro de dez anos.

Na primeira década analisada foram localizados apenas dois plantéis de cativos, ambos dedicados à criação. Como vimos anteriormente, um desses plantéis era composto por quatro e o outro por oito cativos. O plantel da década de 1850 também já foi detalhado. Para a década de 1860, temos plantéis em quase todas as faixas, com exceção da última. Não foi possível identificar as atividades de dois proprietários, um possuidor de um cativo e o outro com um plantel na faixa de 2-4 cativos. Cinco proprietários dedicavam-se à criação, dois com plantel de 5-9 cativos, dois na faixa dos 10-29 e um na faixa dos 30-49. A cafeicultura era a atividade de apenas um proprietário, que possuía um plantel na faixa dos 10-29 cativos.

Tabela 14
Distribuição dos plantéis por faixas de tamanho segundo atividades características dos inventários.
Ribeirão Preto, 1849-1888.

Atividade do inventário	Faixa de tamanho de plantéis						Total
	1	2-4	5-9	10-29	30-49	50 e +	
Agricultura	2	-	-	1	1	-	4
Café	1	1	-	4	2	-	8
Capitalistas	2	1	2	-	-	-	5
Comércio	1	1	-	-	-	-	2
Criação	7	12	9	7	3	2	40
Profissionais liberais	1	-	1	-	-	-	2
Subsistência	8	15	9	-	-	-	32
Atividade não identificada	1	3	2	1	-	-	7
Total	23	33	23	13	6	2	100

Fonte: Inventários dos Primeiro e Segundo Ofícios de Ribeirão Preto e São Simão

Encontramos 54 plantéis na década de 1870, exercendo a cafeicultura, o capitalismo, o comércio, a criação, as profissões liberais e a subsistência. Não foi possível identificar a atividade de um inventário. Foram encontrados treze plantéis unitários, oito deles dedicados à

subsistência, dois ao capitalismo, dois à criação, e um ao comércio. Os plantéis de 2-4 cativos somavam 22, dedicados as atividades de capitalismo (1), criação (6) e subsistência (15). Foram localizados dezesseis plantéis de tamanho médio, faixas de 5-9 e de 10-29 escravos. Em um dos casos não foi possível atribuir alguma atividade. Os demais eram dedicados ao café (1), ao capitalismo (2), à criação (5), às profissões liberais (1), e à subsistência (6). Havia três plantéis grandes, dois na faixa dos 30-49 cativos e um com mais de cinquenta, todos dedicados à criação.

Os 35 inventariados da década de 1880 exerciam basicamente as mesmas atividades do que os inventariados da década anterior. A principal diferença é que os maiores plantéis não estavam empregados na criação, mas sim na agricultura e no café. Havia um número menor de plantéis unitários, dois ocupados na agricultura, um no café, cinco na criação e um nas profissões liberais. Os plantéis de 2-4 cativos estavam dedicados ao café (1), ao comércio (1) e à criação (5). Entre os plantéis de tamanho médio temos um dedicado à agricultura, dois ao café, seis à criação e três à subsistência. Temos três plantéis na faixa dos 30-49 cativos, um deles dedicado à agricultura e dois ao café.

Considerações finais

A localidade estudada surgiu em meados do século XIX. Seu desenvolvimento foi em grande parte influenciado pela cultura cafeeira que chegou na região na década de 1870. Analisando a amostra de inventários selecionada do período 1849-1888 foi possível caracterizar uma pequena parcela da sua população, os proprietários de escravos. Analisando os processos encontramos informações outra parcela da população, os cativos.

Num primeiro momento, relatamos de maneira sucinta o processo de formação da vila de Ribeirão Preto e a evolução de sua população até o final da década de 1880. Em seguida, detalhamos a fonte de dados utilizada para o estudo e os procedimentos utilizados na seleção da amostra ora trabalhada.

Os proprietários foram caracterizados de acordo com sexo, estado conjugal e atividade atribuída. Existia um número equilibrado de homens e mulheres, grande parte casada. As atividades mais comuns eram a lavoura e a criação. Nas primeiras décadas, encontramos apenas criadores. Na década de 1860 além de criadores encontramos também um cafeicultor. Nas duas últimas décadas localizamos cafeicultores, capitalistas, criadores, profissionais liberais, agricultores e os dedicados à subsistência. Acreditamos que a diversificação dessas atividades foi condicionada pelo crescimento populacional experimentado pela localidade, pela chegada de agricultores de outras regiões interessados em se estabelecer na localidade. Esse movimento deve ter se iniciado ainda na década de 1860, pois percebemos seus efeitos já nos inventários da década de 1870. Essa evolução nos leva a crer que na medida em que aumentava a população ribeirãopretana diversificavam-se as atividades por ela desenvolvidas.

As informações encontradas para a massa cativa foram mais abundantes. Localizamos 819 cativos ao longo do período estudado, 442 homens e 377 mulheres. Com relação ao estado conjugal, a maior parte desses indivíduos era solteira. Mais de trinta por cento possuíam laços de parentesco com outro escravo dentro do mesmo plantel. A maioria estava ocupada em atividades relacionadas à lavoura ou à criação. A razão de sexo nos plantéis geralmente estava relacionada com a atividade desenvolvida pelo proprietário considerado. Encontramos as maiores razões de

sexo nos plantéis de proprietários dedicados à cafeicultura e as menores nos plantéis dedicados à subsistência.

Com relação à estrutura da posse, observamos o predomínio dos pequenos plantéis, de um a quatro cativos. Considerando nossa amostra de 100 inventariados, 23 eram proprietários de plantéis unitários e detinham 2,8% dos cativos; 33 possuíam de dois até quatro, respondendo por 11,6% da escravaria; 23 tinham plantéis de cinco até nove e concentravam 18,2% dos escravos; 13 possuíam de dez até 29 cativos e respondiam por 26,0% dos cativos; 6 tinham de trinta a 49 escravos e concentravam 25,5% da escravaria e apenas dois possuíam mais de cinquenta elementos, respondendo por 15,9% dos cativos. A distribuição dos plantéis conforme atividade mostrou que nas primeiras décadas, tanto grandes quanto pequenos e médios plantéis dedicavam-se à criação. Na década de 1860, além de criadores temos um cafeicultor que possuía um plantel de tamanho médio. Nas décadas de 1870 e 1880 a diversificação das atividades aumenta e os pequenos proprietários estão presentes em quase todos os segmentos. Contudo, a criação já não é a única atividade exercida pelos detentores de maiores plantéis e alguns aparecem como cafeicultores e agricultores.

Essas análises nos permitiram avaliar o papel das atividades anteriores à chegada da cultura cafeeira na região. Encontramos criadores com rebanhos muito maiores do que as necessidades da subsistência. As culturas encontradas nos inventários eram geralmente para consumo próprio ou para sustentar a criação de pequenos animais. O crescimento da população cativa entre 1872 e 1887 pode ser entendido como um reflexo da chegada do café, atividade que dominaria a economia da localidade até meados do século XX. Percebemos que os cafeicultores das décadas de 1870 e 1880 possuíam plantéis acima de dez cativos nos quais a razão de sexo uma das maiores encontradas.

Fontes e referências bibliográficas

- BASSANEZI, Maria Silvia C. (org) São Paulo do passado. NEPO-UNICAMP, 1998.
- BRIOSCHI, Lucila Reis. Caminhos do ouro. In: BACELLAR, C. A. P. & BRIOSCHI, L R. (org.) Na Estrada do Anhanguera. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999, p. 35-54.
- CARVALHO, José Murilo de. A construção da ordem; O teatro de sombras. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Relume Dumará, 1996.
- COSTA, Emília V. da. Da senzala à Colônia. São Paulo: UNESP, 1998.
- COSTA, Osmani Emboaba da. História da Fundação de Ribeirão Preto. São Paulo, 1955.
- DEAN, Warren. Rio Claro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- EISENBERG, Peter L. Homens esquecidos. Campinas: UNICAMP, 1989.
- FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 24a ed. São Paulo: Nacional, 1991.
- GIFUN, Frederick V. Ribeirão Preto, 1880-1914: the rise of a county, or the transition to coffee in São Paulo as seen through the eyes of its leading producer. University of Florida, 1972.
- GONÇALVES, Francisco de P. L. Relatório apresentado à Associação Promotora de Imigração em Minas, 1888.
- GORENDER, Jacob O escravismo colonial. São Paulo: Ática, 1992.

- HOLANDA, Sergio B. de. Raízes do Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2002.
- LAGES, José Antonio. Ribeirão Preto: da Figueira à Barra do Retiro. Ribeirão Preto: VGA, 1996.
- LEVI, Darrell Erville. A família Prado. São Paulo: Cultura 70, 1977.
- LUNA, Francisco V. & Klein, Herbert S. Características da população em São Paulo do início do século XIX. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2000. População e família número 3. Pp. 71-91
- MARCONDES, Renato Leite. & GARAVAZO, Juliana. A propriedade escrava e a hipótese de crescimento vegetativo em Batatais: a classificação dos escravos (1875). Departamento de Economia. FEARP, 2002. (mimeografado)
- MARCONDES, Renato Leite. A propriedade escrava no Vale do Paraíba Paulista durante a década de 1870. Texto para discussão. Série Economia. São Paulo: FEA/USP-Ribeirão Preto, 2000, 30p. (mimeografado).
- MARCONDES, Renato Leite. A arte de acumular na economia cafeeira. Vale do Paraíba século XIX. Lorena: Stiliano, 1998.
- MARTINS, Roberto V. Fazendas de São Simão. Meados do século XIX. Pontal, 1998.
- MELLO, Zélia Maria C. de. Metamorfoses da Riqueza. São Paulo, 1845-1895. São Paulo: Hucitec, 1990.
- MOTTA, José F. & MARCONDES, Renato Leite. O comércio de escravos no Vale do Paraíba Paulista. Estudos Econômicos 30(2): 267-299, abr/jun 2000.
- NOZOE, Nelson H. & MOTTA, José F. Os produtores eventuais de café: nota sobre os primórdios da cafeicultura paulista (Bananal, 1799-1829). Locus Revista de história. Juiz de Fora, vol. 5 número 1, pp. 51-84. 1999.
- ROSSINI, R. E. & OLIVEIRA, R. M. de. Sociedade e Natureza. In: BACELLAR, C. A. P. & BRIOSCHI, L R. (org.) Na Estrada do Anhanguera. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999, p. 23-34.
- TEIXEIRA, Heloisa M. Reprodução e famílias escravas de Mariana 1850-1888. Dissertação de Mestrado. Departamento de História – USP. São Paulo, 2001.